ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

INTERAÇÃO NA SALA DE AULA: AS ABORDAGENS DE APRENDER E ENSINAR LÍNGUA INGLESA EM UMA ESCOLA PÚBLICA.

SONILDA CÂNDIDA DA SILVA

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
R.G.N.º 10246
Data 08/06/04

Pontes e Lacerda - MT, junho de 2003.

Turma 2003/1

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

INTERAÇÃO NA SALA DE AULA: AS ABORDAGENS DE APRENDER E ENSINAR LÍNGUA INGLESA EM UMA ESCOLA PÚBLICA.

Ensaio Monográfico apresentado à UNEMAT/ Campus Universitário de Pontes e Lacerda como requisito final para obtenção de Licenciado em Letras.

Orientadora: Professora Maria Madalena de Souza Tarcetti

Pontes e Lacerda - MT, junho de 2003.

A meus filhos, Reysilla e Alison, que souberam compreender e aceitar minha ausência durante o decorrer do curso.

Agradeço primeiramente a Deus que me deu força e coragem para superar os momentos mais difíceis da minha vida. Obrigada Senhor pela vida e pela sabedoria.

À minha família, em especial aos meus pais que sempre me deram o apoio e o incentivo necessário para que eu alcançasse meus objetivos.

Aos professores que fizeram parte da minha vida acadêmica, especialmente à professora Maria Madalena que me orientou neste trabalho com seriedade e dedicação.

Aos amigos que sempre estiveram ao meu lado. Aos meus colegas de sala que colaboraram nas minhas dificuldades e limitações e às minha colegas de trabalho que souberam me compreender durante a execução deste ensaio monográfico. Enfim, a todos que direto ou indiretamente colaboraram para obtenção dos meus objetivos.

Sem essas pessoas nada do que fiz seria concretizado.

Então todos viram coisas parecidas com chamas, que se espalharam como línguas de fogo, e cada um foi tocado por uma dessas línguas. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas.

(Atos 2, 3-4)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....8

CAPÍTULO 1 – REVISÃO DE LITERATURA.....10

1.1 – O Inglês Hoje.....10

1.2 – A importância de Ensinar/Aprender a Língua Inglesa e a Responsabilidade do Professor quanto a esse ensino.....11

1.3 – A Formação do Professor de LI e as Influências Recebidas na sua Abordagem de Ensino.....13

1.4 – Abordagem de Ensinar X Abordagem de Aprender.....15

1.5 – As Abordagens de Ensino.....16

1.6 – A Evolução das Abordagens do Ensino das LEs.....17

1.6.a – A Abordagem Tradicional ou A Abordagem da Gramática e de Tradução.....17

1.6.b – A Abordagem Direta.....18

1.6.c – Abordagem da Leitura.....19

1.6.d – Abordagem Estrutural ou Audio-Lingual.....20

1.6.e – Abordagem Natural.....22

1.6.f – Abordagem Comunicativa.....22

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA DE PESQUISA.....25

2.1 – Cenário e Sujeitos da Pesquisa.....25

2.2 – Os questionários que serviram de instrumentos de coleta de dados.....26

CAPÍTULO 3.....27

3.1 – Abordagem de ensinar da P_1 e da P_2: O que mostram os questionários.....27

3.2 – Respondendo as perguntas da pesquisa.....31

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....32

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....35

OBRAS CONSULTADAS.....36

ANEXOS.....37

INTRODUÇÃO

Apresentaremos neste ensaio monográfico as abordagens de ensino que mais influenciaram o ensino da língua inglesa (LI). Pretendemos identificar a abordagem mais utilizada por dois (02) professores de LI e compará-las à abordagem de aprender dos seus respectivos alunos, e assim verificar se a abordagem de ensinar do professor é compatível com a abordagem de aprender dos seus alunos e, se esta abordagem (de ensinar) realmente contribui para a aprendizagem dos discentes.

O objetivo deste ensaio monográfico, de caráter investigativo, é conhecer o processo de ensino/aprendizagem da LI de duas classes distintas a partir da identificação da abordagem utilizada pelo professor em sala de aula. Queremos ressaltar que esta pesquisa é, também de cunho comparativo, pois estaremos comparando as partes envolvidas (abordagem de ensinar X abordagem de aprender), para obtermos uma resposta a respeito da contribuição da abordagem de ensinar do professor no processo de aprendizagem do aluno.

Justificamos esta pesquisa a partir do momento que observamos que o ensino de LI vem sendo repetitivo, ou seja, trabalhado da mesma forma há vários anos. Temos observado que os alunos de LI estudam as mesmas coisas em séries diferentes e não aprendem muito. Moita Lopes (1996, p.40) observa que,

> ...Em geral, nota-se ainda hoje uma grande ênfase nas habilidades orais, pelo menos, muitos exercícios de repetição pela repetição nas escolas, em detrimento da concentração em habilidades que correspondam realmente às necessidades lingüísticas dos alunos...

Assim, questionamos: Qual a abordagem de ensino de língua inglesa utilizada pelo professor em sala de aula? Esta abordagem contribui efetivamente para o aprendizado de língua inglesa? Com base nestes questionamentos, buscaremos conhecer como está a situação atual do ensino de LI em uma sala de 5ª série do ensino fundamental e em uma sala do 1º ano do ensino médio, ambas de escolas públicas da cidade de Pontes e Lacerda, localizada na região sudoeste do estado de Mato Grosso.

Sendo que, um dos objetivos da LI é possibilitar a interação neste mundo globalizado em que vivemos e, grande parte da responsabilidade no processo ensino/aprendizagem é atribuída ao professor, construiremos este ensaio monográfico no intento de apresentar bases que possam contribuir (mesmo que em pequena parte) para que o corpo docente tenha consciência da importância das abordagens de ensino e da metodologia por eles utilizadas em sala de aula.

No primeiro momento falaremos um pouco sobre o inglês nos dias atuais, relataremos sobre a importância de ensinar/aprender a língua inglesa, a formação do professor de LI e as influências da sua abordagem de ensino (enfatizando que existem vários fatores que influenciam a abordagem de ensinar), a abordagem de ensinar X abordagem de aprender. Logo após, apresentaremos uma síntese das principais abordagens de ensino que marcaram o ensino/aprendizagem da LI e a evolução do ensino das Línguas Estrangeiras (LEs). Exibiremos a metodologia da pesquisa, analisaremos os questionários respondidos pelos professores e alunos, retomaremos às perguntas de pesquisa com o intuito de respondê-las, para enfim, fazermos as considerações finais.

Embasados nas concepções teóricas sobre o ensino e aprendizagem de LEs de Almeida Filho, Moita Lopes e outros constituiremos nosso quadro teórico, que servirá de apoio para análise deste ensaio monográfico.

CAPÍTULO 1

REVISÃO DE LITERATURA

1.1 - O INGLÊS HOJE:

Atualmente, a maioria dos sistemas educacionais públicos brasileiro tem restringido o ensino de línguas estrangeiras à língua inglesa, tornado-a signo de *status* na nossa cultura. Estudar inglês tornou-se um fenômeno mundial, uma *epidemia* que contamina milhões de pessoas no mundo inteiro. Ouvimos a língua inglesa diariamente nas novelas, documentários, programas e propagandas tanto de rádio quanto de televisão, o inglês aparece também nas músicas, marcas de carro, nome de comércios, produtos de supermercado e até mesmo em pichações de muros. Como afirma os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do ensino médio (2002, p.149) "...Sem dúvida a aprendizagem da língua inglesa é fundamental no mundo moderno...", isso faz com que seja comum ouvirmos frases do tipo: "aprender a língua inglesa nos dias atuais é tão importante quanto aprender uma profissão".

Para conhecermos verdadeiramente a abordagem de ensinar de um professor de LI, devemos analisar o que está por trás da formação desse professor, Almeida Filho (1999, p.14) afirma que,

> Para conhecer ou nos aproximarmos da abordagem de um professor não bastaria perguntar a ele qual a sua abordagem, nem só apontar as características metodológicas do seu ensinar. Seria preciso algum procedimento mais potente para reconstruir de forma sintética a raiz desse ensinar, a natureza da sua abordagem de ensinar para, a partir daí permitir ao professor analisado uma tomada gradual de consciência e, na dinâmica de estar ensinando, dialogando

> criticamente consigo mesmo ou com um outro solidário e preparado para tal, ir levantando o véu de inconsciência imaginada que marca que nossa percepção de como ensinamos língua estrangeira...

1.2 - A IMPORTÂNCIA DE ENSINAR/APRENDER A LÍNGUA INGLESA E A RESPONSABILIDADE DO PROFESSOR QUANTO A ESSE ENSINO:

Na tradição religiosa cristã, o surgimento das LEs foi uma punição divina para combater o egoísmo dos homens na torre de Babel. O surgimento de várias línguas diferentes seria um obstáculo às trocas culturas isolando os seres humanos em uma solidão lingüística, condenados ao desentendimento, como podemos comprovar em Gênesis (11:1-9).

> Ora toda a terra tinha uma só linguagem e um só modo de falar. Viajando os homens para o Oriente, acharam uma planície na terra de Shinar e ali habitaram . (...) Disseram uns aos outros: (...) Vinde, edifiquemos para nós uma cidade e uma torre, cujo cume chegue até o céu, e façamo-nos um nome; para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra. Porém, desceu Jeová para ver a cidade e a torre (...) Disse Jeová: Eis que o povo é um só e todo ele tem uma só linguagem. Isto é o que começam a fazer: agora nada lhes será vedado de quanto intentam fazer. Vinde, desçamos e confundamos ali sua linguagem, para que não entendam a linguagem um do outro. Assim Jeová os espalhou dali sobre a face de toda a terra, e cessaram de edificar a cidade. Por isso se chamou o seu nome Babel, porquanto ali confundiu o Senhor a língua de toda a terra...

No momento atual, o conhecimento em língua inglesa é considerado um requisito para o exercício de uma cidadania plena. A LI, assim como outras línguas estrangeiras, representa ao aluno o contato com outras culturas, uma abertura importante para o conhecimento universal e a integração num mundo globalizado, não só para alunos em fase escolar como também para toda população. Para algumas pessoas, a aprendizagem de uma língua estrangeira significa a oportunidade de intercâmbio cultural, o alargamento das várias possibilidades de expressão e comunicação, uma abertura para o mundo, de um certo ponto de vista, uma inversão da maldição divina de Babel.

Vivemos em uma época em que a LI, assim como outras línguas estrangeiras, tornou-se uma necessidade indispensável na busca de novos conhecimentos e uma ferramenta essencial de trabalho. Aprender a língua inglesa é necessário não só porque existe uma expectativa social, mas também pela ampliação do conhecimento, das possibilidades de comunicação, bem como, a compreensão de outras culturas, outras formas de atuar e pensar o mundo, como diz Almeida Filho (1993, p.28) sobre a aprendizagem de línguas estrangeiras,

> A aula de língua estrangeira como um todo pode possibilitar ao aluno não só a sistematização de um novo código lingüístico que o ajudará a se conscientizar do seu próprio mas também a chance de ocasionalmente se transportar para dentro de outros lugares, outras situações, e pessoas...

Moita Lopes (1996) afirma que a preferência pelo estudo da LI está relacionada à importância incontestada do inglês como uma língua internacional, devido ao poder econômico da Inglaterra e dos Estados Unidos na primeira e Segunda metades deste século e à penetração do inglês como a língua do novo imperialista (Estados Unidos) no Brasil do século atual.

Como constatamos nos PCNs do ensino médio (2002, p.148) a aprendizagem de LE é fundamental na comunicação entre homens, funcionando como um meio para se ter acesso ao conhecimento de diferentes formas de pensar, criar, sentir, agir e de conceber a realidade, propiciando ao indivíduo uma formação mais sólida e abrangente. O professor de línguas carrega uma grande responsabilidade no sentido de não exterminar, ainda nos estágios iniciais, a expectativa de ingressar uma nova comunidade de usuários de um língua-alvo. Portanto, faz-se necessário (nós profissionais da educação) buscarmos as melhores metodologias de ensino/aprendizagem desse idioma, respaldadas em concepções educacionais mais recentes que investiguem diferentes estratégias de ensinamento aos educandos, com vista a tornar as aulas mais interessantes

e participativas, criando, assim, condições para um melhor desenvolvimento do processo de aquisição/aprendizagem do ensino de língua inglesa.

Moita Lopes (1996, p.129) declara que as LEs não são ensinadas adequadamente nas escolas públicas, e para aprendê-las é necessário que o aprendiz freqüente um curso particular. Ainda Moita Lopes (apud), atribui aos professores de LEs a responsabilidade de torná-las possíveis de serem aprendidas no contexto da escola pública, de modo que os alunos que não têm acesso a cursos particulares também possam aprendê-las.

1.3 - A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LI E AS INFLUÊNCIAS RECEBIDAS NA SUA ABORDAGEM DE ENSINO:

Conforme afirma Moita Lopes (1996) ao interagirmos socialmente, ocupamos papéis específicos que carregam marcas típicas do ser social que somos. Sendo assim, na prática em sala de aula o profissional da educação é orientado por uma série de fatores que constituem sua abordagem de ensinar, como por exemplo, sua história de vida, formação profissional, condições de trabalho e até mesmo suas crenças. Os professores são treinados para utilizarem técnicas típicas de métodos específicos de ensino sem ter, na maioria dos casos, conhecimento de como realmente se dá o processo de ensino/aprendizagem de línguas. Como confirmamos em Moita Lopes, (1996) os professores são treinados a partir de certos *modismos* sobre como ensinar LI e recebem uma formação pautada por dogmas.

> Esta visão dogmática da formação do professor de línguas envolve, basicamente, treinamento no uso de técnicas de ensino, que são tomadas como a última palavra sobre o ensino de línguas, e que deverão ser usadas pelo professor em sala de aula exatamente da forma recomendada por manuais de ensino ou pelo professor-formador, (...) a sala de aula é, então, o lugar de utilizar este conhecimento já pronto sobre o processo de ensino desenvolvido por

> um pesquisador que, na maior parte das vezes, nada sabe sobre o contexto de ensino em que este conhecimento será usado (...). O professor-formador, portanto, opera com uma visão de conhecimento como produto que tem que ser incorporado pelo professor-aluno... (LOPES, 1996, p.180)

Para Almeida Filho (1999) o professor também exerce sua função de educador a partir de conhecimentos específicos e de um determinado nível de capacidade. O mesmo autor, declara que a abordagem de ensinar é fruto das condições internas do professor em sua *inter-relação* com condições externas em que acontece o seu ensino. Ademilde Felix (1998) em sua tese de mestrado ressalta que, baseados em como nossos professores nos ensinaram e em como aprendemos coisas parecidas, expressamos uma maneira de ensinar orientados por uma abordagem implícita, oculta que não conhecemos. Aprendemos de acordo com a abordagem que o nosso professor aprendeu e ensinamos como aprendemos, freqüentemente os professores tendem a repassar uma mesma abordagem de ensino através dos anos.

Para que o profissional da educação deixe de ser um mero executor de métodos desenvolvidos por pesquisadores (que muitas vezes não atuam em sala de aula), e por seus antigos professores, é necessário que esse profissional tenha um reflexão crítica sobre o seu próprio trabalho, é relevante que o professor transforme-se em professor-pesquisador em sua própria sala de aula.

As crenças, as pressuposições, os conhecimentos intuitivos e os mitos formam um certo hábito de ensinar, interferindo também na abordagem de ensinar do professor, fazendo com que o educador acredite que a forma com que ensina seja a melhor maneira de transmitir seus conhecimentos, muitas vezes, são influenciados por um certo *modelo* de ensinar existente na própria sociedade onde vive. Segundo Almeida Filho (1993, p.11)

> Uma tradição com traços nacionais ou regionais se acopla de distintas maneiras a possíveis tradições de ensinar e de aprender de uma dada escola (...) Essas tradições de ensinar línguas nas escolas exercem influências variáveis sobre o professor, que por sua vez traz para o ensino disposições pessoais e valores desejáveis da sua própria abordagem.

1.4 - ABORDAGEM DE ENSINAR X ABORDAGEM DE APRENDER:

Conforme Almeida Filho (1993) para haver uma mudança perceptível nesse processo de ensino/aprendizagem não é apenas o material didático que deve ser alterado, faz-se necessário um estudo para compreensão da abordagem de aprender dos alunos e da abordagem de ensinar do professor, a primeira é caracterizada pela maneira de estudar, de se preparar para o uso real da língua-alvo adquirida pelo aluno isso ocorre de acordo com as maneiras típicas de sua região, etnia, classe social e grupo familiar. O que às vezes pode ocorrer é que a abordagem de aprender a que se prende um aluno não é compatível com a abordagem de ensinar de um professor, de uma instituição escolar ou de um livro didático. Esse desencontro pode ocasionar problemas difíceis, podendo ocasionar desânimo e até mesmo o fracasso na aprendizagem da língua-alvo, por isso é necessário que os educadores estejam em constante processo de formação, para que se tornem profissionais mais críticos e conscientes. Somente compreendendo o que ocorre na sala de aula podemos produzir conhecimentos sobre como o aluno aprende e o professor ensina.

Lembrando que a abordagem de ensinar do professor de LI é todo o conjunto de disposições que ele possui para orientar suas ações no decorrer do processo de ensino, ou seja, é a sua filosofia de trabalho, não podemos deixar de citar um fator relevante que deve ser considerado, que é a constatação de que o poder do professor sobre sua profissão sempre foi relativizado, ao mesmo tempo que lhe é concedida a autonomia para fazer algumas escolhas em relação à forma de conduzir o trabalho de

sua disciplina na sala de aula, não lhe é permitido criticar as medidas educacionais, impostas pelas autoridades acadêmicas que determinam seu trabalho pedagógico, sendo assim em alguns casos, mesmos que o professor queira renovar e inovar o processo ensino/aprendizagem ele é barrado pelo sistema escolar em que atua.

1.5 - AS ABORDAGENS DE ENSINO:

O termo abordagem refere-se à forma, o método como o ensino vem sendo trabalhado no decorrer dos anos pelos profissionais da educação, sua cultura de ensinar, suas opções de ensino que orientam seu comportamento em sala de aula. Almeida Filho (1993) afirma que o professor ao atuar como profissional da educação, antes durante e depois das aulas, age de acordo com uma dada abordagem embasada nas concepções de aprender e de ensinar que traz consigo, ainda Almeida Filho (1993, p.13) ressalta que

> ... a abordagem é uma filosofia de trabalho, um conjunto de pressupostos explicitados, princípios estabilizados ou mesmo crenças intuitivas quanto à natureza da linguagem humana, de uma língua estrangeira em particular, de aprender e de ensinar línguas, da sala de aula de línguas e de papéis de aluno e de professor de uma outra língua.

As abordagens de ensino de LEs evoluíram de acordo com a transformação dos conceitos do homem, de mundo e de língua em diferentes movimentos, e o professor também deve estar em constante evolução, já que ele é um sujeito que aprende ao mesmo tempo que ensina, e esse processo ensino/aprendizagem se dá de forma contínua tendo seu inicio ainda durante sua formação na Licenciatura perdurando ao longo de sua via profissional. De acordo com Almeida Filho (1999) os educadores deveriam não apenas aprender a utilizar o conhecimento teórico em apoio a sua prática, como também aprender a avaliar esse conhecimento de modo crítico.

1.6 - A EVOLUÇÃO DAS ABORDAGENS DO ENSINO DAS LEs:

Será apresentada a seguir, uma síntese das principais abordagens de ensino que marcaram o ensino/aprendizagem da língua inglesa: **A Abordagem Tradicional ou a Abordagem da Gramática e de Tradução; Abordagem Direta; Abordagem da Leitura; Abordagem Estrutural ou Abordagem Audiolingual; Abordagem Natural e Abordagem Comunicativa**. Faremos um levantamento teórico dessas abordagens, pretendendo mostrar os princípios que embasam certas metodologias, o papel do professor e do aprendiz e como é feita a avaliação da aprendizagem.

1.6.a - A ABORDAGEM TRADICIONAL OU A ABORDAGEM DA GRAMÁTICA E DE TRADUÇÃO

A abordagem tradicional (AT), também conhecida como gramática-tradução é a primeira e mais antiga metodologia na história do ensino de línguas, e a que mais críticas recebeu. Aplicada desde o século XIX ao ensino das línguas clássicas e até os dias atuais na maioria das escolas de 2º Grau, a Abordagem da Gramática e de Tradução (AGT) fundamenta-se na idéia de que o aspecto fundamental da língua é a sua escrita, e que uma segunda língua deve ser ensinada pela primeira, ou seja, toda informação necessária para produzir ou entender um texto ou uma frase deve ser explicado através da língua materna do aluno.

> ...Os três passos essenciais para aprendizagem da língua são: (a) memorização prévia de uma lista de palavras, (b) conhecimento das regras necessárias para juntar essas palavras em frases e (c) exercícios de tradução e versão (tema). É uma abordagem dedutiva, partindo sempre da regra para o exemplo. (LEFF, 1988, p. 212).

A pronúncia e a entonação eram aspectos de pouca importância na AGT, e por ser a aprendizagem de uma língua estrangeira vista como uma atividade intelectual em

que os educandos deveriam aprender e memorizar regras, os alunos recebiam e elaboravam listas enormes de vocabulários, tendo como objetivo acumular conhecimento a respeito da estruturação gramatical da língua estrangeira e seu vocabulário, a fim de estudar e traduzir sua literatura. O papel do professor, dentro desta abordagem era de transmissor do conhecimento, e a relação professor/aluno era praticamente inexistente, visto que o educador ocupava o papel de autoridade, pois detinha o saber.

1.6.b - A ABORDAGEM DIRETA

A Abordagem Direta (AD) surgiu como uma reação contra o ensino tradicional, que dava ênfase à palavra escrita e muitas vezes ignorava as habilidades de pronúncia e entonação, e também devido aos novos anseios sociais. Neste método, a aprendizagem de línguas estrangeiras deveria se dar por meio da associação de estímulos e resposta em contato direto com a língua em estudo. A língua materna deveria ser eliminada definitivamente da sala de aula, "...o aluno deve aprender a 'pensar na língua'..." (LEFF,1988, p. 215). A transmissão de significados deveria ser dado através de gestos, gravuras, fotos, enfim, de qualquer outra forma que pudesse facilitar a compreensão dos alunos sem recorrer à tradução literal.

> A gramática, e mesmo os aspectos culturais da L2, são ensinados indutivamente. O aluno é primeiro exposto aos 'fatos' da língua para mais tarde chegar a sua sistematização. O exercício oral deve preceder o exercício escrito. A técnica da repetição é usada para o aprendizado automático da língua. O uso de diálogos sobre assuntos da vida diária tem por objetivo tornar viva a língua usada na sala de aula. O ditado é abolido como exercício. (LEFF, 1988, p. 215).

Na AD a avaliação se dava através de diálogos situacionais e exercícios escritos que de preferência fossem perguntas e respostas. O professor continuava no

centro do processo ensino/aprendizagem, não era dada nenhuma autonomia aos alunos, o educador continuava sendo o modelo lingüístico do educando, portanto essa metodologia não deixou de cometer alguns excessos, como a interdição absoluta da tradução da língua estrangeira para a língua materna nos primeiros anos de estudo.

1.6.c - ABORDAGEM DA LEITURA

As autoridades educacionais americana não deram muito apoio à abordagem direta, concluindo que o ensino de línguas deveria ter como principal objetivo a compreensão da cultura e da literatura do povo estudado, e isso poderia ser conseguido através de uma nova versão da Abordagem da Gramática e da Tradução, avaliando as vantagens e desvantagens da AGT e da AD, observando minuciosamente as características de cada uma para chegar a uma perfeita combinação entre essas abordagens. Da AGT,

> ... adotava-se a ênfase na língua escrita com a reformulação das regras de gramática, fixando-se no essencial para a compreensão; da AD adotava-se o princípio de que o aluno deveria ser exposto diretamente à língua. A praticidade estava, em primeiro lugar, no fato de que, dentro das condições existente na escola secundária, não era possível o desenvolvimento equilibrado das quatro habilidades da língua. Em segundo lugar, defendia-se a premissa de que as necessidades dos alunos, na sua grande maioria, não envolviam conhecimento da língua oral. (LEFF, 1988, p. 217)

Os princípios básicos desta abordagem, era desenvolver a habilidade da leitura, tanto dentro quanto fora da sala de aula, predominando os exercícios escritos com pouca ênfase na pronuncia. A Abordagem da Leitura (AL) atraiu vários críticos por não conseguir equilibrar as quatro habilidades da língua: ouvir, falar, ler e escrever.

Sobre o ensino da leitura, Moita Lopes (1996, p. 39) opina que,

> ...Na maioria das escolas de nível médio, parece que enfatizar uma motivação instrumental seria uma abordagem muito mais coerente com a realidade. Isto inclusive recuperaria a posição de descrédito que

> a disciplina infelizmente atingiu, já que o professor teria um objetivo mais claro e único – ensinar a ler, que parece ser mais relevante – para ser realizado e provavelmente com sucesso nas condições existentes...

1.6.d - ABORDAGEM ESTRUTURAL OU AUDIO-LINGUAL

Nesta abordagem, o ensino de língua inglesa equivaleria à formação de hábitos lingüísticos nos alunos, por meio da associação de estímulos e resposta, por valorizarem mais a língua falada. Sustentavam que o aprendizado de língua inglesa estava relacionado a reflexos condicionados e que o melhor método para se alcançar a habilidade comunicativa seria através da mecânica de imitar, ouvir, repetir, memorizar e exercitar palavras e frases. Sua fundamentação teórica teve o apoio da psicologia comportamental e da lingüística estrutural. Os princípios básicos desta abordagem, foram:

1 – A língua é um fenômeno oral – Sendo a língua um fenômeno oral, ela compreende uma ordem natural de apreensão: ouvir, falar, ler e escrever, restabelendo a ênfase na língua oral, no entanto, Leff (1988, p. 219) faz uma observação,

> ...No momento em que se equiparava a fala com a língua, o que não fosse fala também não era língua. Daí que ensinar a leitura não era ensinar língua, já que a escrita era uma fotografia muito mal feita da fala.

Na Abordagem Audio-lingual (AAL), o aluno só poderia ser exposto à escrita depois que a língua oral já estivesse bem automatizada de acordo com o que acontece com a língua materna. A aprendizagem da escrita antes da fala prejudicaria a pronúncia, por isso, as aulas eram apresentadas através de diálogos. Leff (1998) ressalta ainda que o laboratório de línguas por apresentar gravações de falantes nativos, com pronúncias perfeitas, tornou-se um importante recurso audiovisual.

2 – A língua é um conjunto de hábitos – a língua era vista como um conjunto de hábitos condicionados adquiridos através de um processo mecânico de estímulo e

resposta. O professor deveria reforçar imediatamente as respostas certas dadas pelos alunos. Através de exercícios de repetição as estruturas da língua eram praticadas até a automatização. O erro não era permitido aos discentes, pois acreditava-se que quem errava automatizava os próprios erros. O aluno só aprendia quando conseguia automatizar a resposta e acreditava-se que todos aprendiam da mesma forma.

3 – Ensine a língua não sobre a língua – a língua deve ser aprendida pela prática e não através de explicações de regras. Como na AD, a gramática era ensinada através da analogia indutiva.

4 – A língua é o que os falantes nativos falam – muitas vezes, a gramática normativa apontava como errado o que, sistematicamente, era usado pelos falantes nativos da língua, Leff (1998, p. 220) ressalta que "... A língua é o que os falantes nativos dizem e não o que acham que eles deveriam dizer...", como na língua portuguesa existe no inglês situações em que são usadas expressões informais, portanto, ao invés de radicalizar, ou seja, denominar o que é certo ou errado, pode-se optar em usar termos *aceitável* e não *aceitável* dentro da língua inglesa.

5 – As língua são diferentes – o papel principal de quem planejava os cursos era distinguir as diferenças entre as duas línguas (no nosso caso por exemplo, entre a língua portuguesa e a língua inglesa) para então centralizar suas atividades.

> O audiolingualismo defendia uma versão forte da análise contrastiva. Pela comparação dos sistemas fonológicos, lexicais, sintáticos e culturais entre duas línguas podia-se prever os erros dos alunos... (LEFF, 1998, p. 221)

A AAL, estendeu o ensino da LI para um maior número de aprendizes, porém foi muito criticada pelo excesso de exercícios de fixação exaustivos, Maralice Neves in Paiva (1996, p. 71) diz que,

> ... diálogos didaticamente preparados e memorizados não se aplicam à conversão real. Outro problema é a desconsideração

> que esta abordagem tem para com os diferentes estilos de aprendizagem de cada pessoa.

Ainda Maralice Neves in Paiva (1996, p.72) afirma a respeito da AAL ou Abordagem Estrutural (AE) que,

> O sistema de avaliação da Abordagem Estrutural é considerado o mais científico de todos por considerar critérios de validade e confiabilidade derivados da psicometria. Isso foi possível porque compartimentalizou-se a língua de forma que as respostas pudessem ser restritas e objetivas.

1.6.e – ABORDAGEM NATURAL

Esta abordagem tenta aplicar na sala de aula as teorias do norte-americano Stephen Krashen que estabelece uma distinção entre estudo formal e assimilação natural de idiomas, entre informações acumuladas e habilidades desenvolvidas. Krashen defende que o aprendizado de um idioma se dá pela assimilação subconsciente da pronúncia, do vocabulário e da gramática e afirma que o ensino eficaz de línguas não depende de receitas didáticas, de prática oral repetitiva ou que busca apoio de equipamentos eletrônicos e da tecnologia, mas sim aquele que explora a habilidade do instrutor em criar situações de comunicação autêntica, voltada ao interesse e necessidade do aprendiz. De acordo com Leff (1998, p. 224), a premissa básica da Abordagem Natural (AN)

> ...é que o aluno deve receber um input lingüístico quase totalmente compreensível, de modo a ampliar sua compreensão da língua. A fala deve surgir naturalmente, sem pressão do professor.

1.6.f - ABORDAGEM COMUNICATIVA

A partir dos anos 70 e 80, surgiram novas teorias nas áreas da lingüística e da psicologia educacional. A Abordagem Comunicativa (AC), tem sua fundamentação teórica baseada nos estudos em análise do discurso, na psicologia cognitiva e na

gramática gerativa-transformacional de Chomsky. Piaget e Vygotsky defendiam que o conhecimento é construido em ambientes naturais de interação social, sendo assim, cada aluno constrói seu próprio aprendizado baseado em experiências de fundo psicológico. Chomsky afirmou nos anos 60 que a língua é uma habilidade criativa e não memorizada e, as regras gramaticais não determinam o que é certo ou errado, mas sim o desempenho de um falante nativo, que poderia (esse falante nativo) servir de modelo para determinar o que é ou não usual na sua língua.

Como o próprio nome diz, a Abordagem Comunicativa centraliza o ensino de língua inglesa na comunicação. Saber comunicar significa ser capaz de produzir enunciados lingüísticos de acordo com a intenção e a situação em que se deseja comunicar. Na AC ao professor cabe o papel de colaborador, facilitador, incentivador e avaliador do processo de aprendizagem. Esta abordagem defende a aprendizagem centralizada no aluno, assim como o respeito às características individuais de cada indivíduo. È permitido na AC o uso da língua materna, principalmente no início do curso.

> Enquanto que no audiolingualismo o ensino da língua se concentrava no código, amplamente descrito durante os vários anos do estruturalismo, a nova abordagem enfatizava a semântica da língua, descrita fragmentariamente em alguns estudos esparsos. Daí que o primeiro desafio dos metodólogos foi elaborar um inventário das noções e funções que normalmente se expressam através da língua. O objetivo não era descrever a forma da língua, mas aquilo que se faz através da língua. (LEFF, 1998, p. 225)

Na AC o material usado na aprendizagem deve ser autêntico e levar em consideração as necessidades do aprendiz, os diálogos devem apresentar situações reais do cotidiano. Nesta abordagem não existe uma preferência na apresentação das quatro habilidades lingüisticas e é permitido o uso da língua materna, principalmente no inicio do curso. A AC defende a aprendizagem centrada no aluno, sendo assim, o professor

deixa de exercer o papel de autoridade, o dono absoluto do saber, para então, como já foi citado anteriormente, assumir o papel de orientador.

Maralice Neves in Paiva (1996) atribui as seguintes características à AC: a) a língua como comunicação deve acontecer dentro de um contexto; b) *tasks* são conhecimentos usados em sala de aula; c) os alunos são usuários ativos e criativos da língua e, são eles os responsáveis pelo seu próprio processo de aprendizagem; d) o aprendiz é membro de um grupo social e deve administrar a sua interação em grupo; e) o processo de aprendizagem passa a ser negociado entre professor e aluno; f) o professor deixa de exercer o papel de autoridade para se tornar orientador e *co-comunicador*; g) o aluno deixa de ser apenas um indivíduo receptivo e passivo para se tornar ativo e criativo.

Nas avaliações, o orientador procura analisar o nível de aproveitamento das atividades desempenhadas pelo aluno.

> Nos testes há uma mistura de itens com respostas restritas junto com itens integrativos, mas todos contextualizados, procurando-se avaliaro nível de proficiência do aprendiz que o possibilite desempenhar uma determinada tarefa dentro de limitações reais de tempo, lugar e situação. Esse critério de avaliação é chamado em inglês de 'criterion-referenced'. Os níveis de proficiência são estabelecidos em escalas que explicitam os padrões de proficiência genéricos e específicos. Pretende-se então avaliar se o aluno consegue ou não desempenhar-se bem no nível a que se propõe. (NEVES, in PAIVA, 1996, P. 74)

A AC como as outras abordagens, são muito criticadas pelo fato de serem ricas em teorias e pobres em procedimentos na prática. Um fator relevante no processo de aprendizagem e que a instituição escolar deve dar uma atenção especial, é a atmosfera que reina na sala de aula, o professor precisa ser caloroso, sensível, tolerante e flexível para que possa inspirar confiança e respeito nos alunos.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA DE PESQUISA

2.1 - CENÁRIO E SUJEITOS DA PESQUISA:

Os dados deste trabalho foram coletados em duas escolas públicas da cidade de Pontes e Lacerda - MT , que receberam-nos muito bem. O município esta localizado na região sudoeste matogrossense. Atualmente conta com duas universidades, sete escolas públicas e duas escolas particulares.

Os professores pesquisadores são em número de dois. A P_1 reside há vinte anos na cidade de Pontes e Lacerda, graduou-se em Letras na Universidade do Estado de Mato Grosso, fez curso de especialização em inglês e dá aulas de inglês há três anos. A P_2 também é graduada pela Universidade do Estado de Mato Grosso, está cursando especialização em Língua Inglesa na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, e dá aula de inglês há três anos.

A primeira sala de aula a responder os questionários foi a turma do 1º ano do ensino médio da P_1. Esta turma, no dia em que responderam ao questionário, estava composta por vinte e quatro (24) alunos. A Segunda foi a turma da 5ª série do ensino fundamental da P_2. Composta, no dia em que responderam ao questionário, por vinte e um (21) alunos.

2.2 – OS QUESTIONÁRIOS QUE SERVIRAM DE INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS:

O primeiro questionário (anexo I) foi direcionado aos docentes, composto por vinte e duas (22) perguntas, dais quais seis (06) serviram para conhecer o perfil do professor. O segundo questionário (anexo II) composto por quinze (15) perguntas, foi direcionado aos discentes.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DOS DADOS

3.1 – Abordagem de ensinar da P_1 e da P_2: O que mostram os questionários:

A sétima questão do questionário I pergunta se as professoras conhecem as abordagens que influenciaram o ensino de língua inglesa e ambas responderam que sim. Em seguida perguntamos: Qual das abordagens você mais utiliza em sala de aula? A P_1 respondeu que a abordagem que mais utiliza em sala de aula é a AL e, a maioria dos seus alunos ao serem questionados sobre o que mais estudam nas aulas de inglês responderam que é leitura, confirmando o que a P_1 havia respondido. A P_2 para a mesma questão respondeu que a abordagem mais utilizada por ela em sala de aula é a AC, no entanto, a maioria dos seus alunos disseram que nas aulas de inglês o que eles mais estudam é vocabulário, o que encaixa-se melhor na AGT, como vimos anteriormente.

A questão de número nove (09) indaga se as professoras acham que a abordagem que elas utilizam na sala de aula contribui de maneira eficiente para o aprendizado de seus alunos. Tanto a P_1 quanto a P_2 responderam que sim. Mas, alguns

alunos da P_1, ao responderem a questão de número quinze (15) do questionário II a respeito de como gostariam que fossem as aulas de inglês, disseram que gostariam que fossem menos cansativas e de forma diferente.

> Não fosse uma aula cansativa que fosse no pátio da escola, e a professora traduzindo os objetos em inglês.
> ---
> Falando muito inglês na sala de aula e brincando na sala de aula falando inglês.
> ---
> Ter mais participação dos alunos, mais trabalho sem ser de escrita ex: um teatro.

Alguns alunos da P_2 também reclamaram do método utilizado pela professora na sala de aula, dizendo que gostariam que aulas de inglês fossem

> Com uma música calma e menos tradução.
> ---
> Ter mais leitura.

A décima pergunta do questionário I investiga o que as professoras acham que mais contribui para o aprendizado de LI. Tanto a P_1 quanto a P_2 acham que é ler e escrever, e seus alunos confirmaram no questionário II que fazem leituras e escrevem nas aulas de inglês.

Na questão número onze (11) do questionário I perguntamos às professoras: você acha que os aprendizes de LI devem falar na língua materna durante as aulas ou se falassem somente na língua-alvo seria melhor? A P_1 respondeu que "devem falar em inglês buscando recursos na língua materna", vimos anteriormente que tanto a AGT quanto a AC acreditam que deve-se ensinar uma LE através da língua de origem do aprendiz. A P_2 respondeu à esta pergunta que se falassem somente na língua inglesa seria melhor, esta é uma característica da AD. Os alunos de ambas as professoras confirmaram que é permitido o uso da língua materna durante as aulas de inglês.

A P_1 e a P_2 acreditam que para aprender a LI não é importante memorizar, repetir e fazer exercícios de tradução, já que para ambas aprender LI não é uma questão de tradução. A pronúncia e a entonação são, para elas, aspectos importantes na aprendizagem da LI. Porém os alunos, tanto da P_1 quanto da P_2, foram unanimes ao responder que a professora de inglês dá muitos exercícios de tradução e a maioria dos alunos da P_2 não gostam de fazer esse tipo de exercício. Quanto à pronúncia, a grande maioria dos discentes das professoras pesquisadoras confirmaram que a professora de inglês trabalha freqüentemente com exercícios de vocabulários exigindo que a turma pronuncie corretamente.

A AC defende que o material usado na aprendizagem deve ser autêntico e levar em consideração as necessidades do aprendiz, os diálogos devem apresentar situações reais do cotidiano. A décima quinta questão pergunta às professoras se elas trabalham com diálogos situacionais (do cotidiano) em sala de aula, elas responderam que sim. Para esta pergunta, a turma da P_1 ficou dividida, ou seja, metade dos alunos, um número de doze (12), disseram que trabalham com diálogos com situações do dia-a-dia nas aulas de inglês e a outra metade disseram que não trabalham com esse tipo de diálogo nas aulas de LI. Já a maioria dos alunos da P_2 confirmaram que fazem esse tipo de diálogo nas aulas de inglês.

Na questão número dezesseis (16) do questionário I, a P_1 afirma que costuma trabalhar com duplas nas aulas de LI e a grande maioria dos seus alunos confirmaram que gostam de realizar os exercícios de inglês em dupla ou em grupo. Já a P_2 disse que costuma trabalhar com seus alunos individualmente em sala de aula, mas seus alunos disseram que gostariam de trabalhar em duplas ou em grupos.

Perguntamos às professoras se elas desenvolvem suas aulas utilizando as quatro habilidades lingüisticas: ouvir, falar, ler e escrever. A P_1 respondeu que não, porém a

maioria dos seus alunos disseram que fazem exercícios de repetição usando as quatro habilidades lingüisticas. A P_2 respondeu a pergunta anterior, sobre as habilidades lingüisticas, dizendo que sim e, a maioria de seus discentes confirmaram a resposta da professora.

As professoras pesquisadas acreditam que não existe uma receita didática para o ensino de LI (questionário I questão 19). Pedimos à P_1 e P_2 que comentassem sobre o seu método de avaliação do processo de aprendizagem dos educandos. A P_1 disse que avalia a produtividade e a escrita,

> ...Como meu foco de ensino é leitura, pois trabalho com alunos pré vestibulando, avalio a produtividade e escrita, geralmente interpretação de texto.

A P_2 disse que "os alunos são avaliados continuamente através de seu desenvolvimento e participação nas atividades propostas". Quando perguntamos se as professoras costumam negociar este método de avaliação com os aprendizes, ambas responderam que sim. Tivemos a confirmação dos alunos pesquisados quando a maioria dos alunos (tanto da P_1 quanto da P_2) disseram que a professora de inglês negocia o método de avaliação com seus alunos.

Na questão vinte e dois (22) do questionário II, pedimos que as professoras dessem sua opinião sobre o papel que o professor deve desempenhar em sala de aula. A P_1 acha que o professor deve agir

> Como incentivador e esclarecedor de dúvidas tanto sobre o conteúdo quanto a necessidade de se aprender a L_2, e também um investigador de crenças dos alunos e de suas próprias, para que consiga desmistificar alguns pontos obscuros que se apresentarem no decorrer da aula.

A P_2 tem a mesma opinião da P_1 e acha que o professor deve assumir o papel de

> orientador, de mediador da aprendizagem centralizando as atividades nos alunos e em suas habilidades.

3.2 – RESPONDENDO AS PERGUNTAS DA PESQUISA

3.2.1 - Qual a abordagem de ensino de língua inglesa utilizada pelo professor em sala de aula?

Constatamos neste trabalho que as professoras em pesquisa, não estão conduzindo seu ensino baseadas em somente uma abordagem. Percebemos, através dos questionários analisados, que as P_1 e P_2 estão utilizando várias abordagens de ensino ao mesmo tempo, causando em sua turma, uma certa confusão quanto ao seu procedimento. A P_1 faz uma mistura das seguintes abordagens: AGT; AL; AAL e AC. Enquanto a P_2 faz uso de todas as abordagens, ou seja, a AGT; AD; AL; AAL e AC. Predominando a AGT, pois constatamos que a P_2 freqüentemente trabalha individualmente com sua turma, dando muitos exercícios de tradução e vocabulários.

3.2.2 - Esta abordagem contribui efetivamente para o aprendizado de língua inglesa?

Devido à mistura das abordagens, o processo ensino/aprendizagem da P_1 e P_2 vem sendo prejudicado. O desencontro que constatamos entre a abordagem de ensinar do professor e a abordagem de aprender do aluno pode estar ocasionando o desinteresse dos aprendizes de LI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concordo com Almeida Filho (1999, p. 17) quando afirma que as abordagens de ensino serão tantas quanto forem os professores, suas histórias, formações profissionais e as condições de trabalho oferecidos pelo ambiente onde executam suas atividades. O que o professor deve fazer é examinar sua própria metodologia de ensino, é estar atento, verificar se a sua abordagem de ensinar está em harmonia com a abordagem de aprender dos seus educandos.

Pudemos constatar neste ensaio monográfico que as professoras pesquisadas, não estão conduzindo seu ensino baseadas em uma determinada abordagem. Apesar de afirmarem que utilizam uma dada abordagem de ensino, elas estão fazendo uma mistura dessas abordagens, confundindo os aprendizes da LI quanto ao método de ensinar do professor. A P_1 por exemplo, afirmou que costuma trabalhar mais com a abordagem da leitura pois, na sua opinião, o que mais contribui para o aprendizado de LI é ler e escrever, no entanto, seus alunos ficaram muito divididos ao respondem sobre o que mais estudam em inglês, vejamos: 07 alunos disseram que nas aulas de LI o que mais estudam é gramática; 05 disseram que é escrita; 03 disseram que é leitura e 04 disseram que é leitura e escrita. Em outra questão, perguntamos aos alunos da P_1 se eles trabalham com diálogos situacionais nas aulas de inglês, neste caso a turma se dividiu, 50% disseram que sim e 50% disseram que não.

Outra situação divergente entre professor e aluno, é quando a P_2 afirmou que a abordagem de ensino mais utilizada por ela é a AC e que aprender LI não é uma questão de tradução. Porém, segundo seus alunos, a P_2 trabalha muito com exercícios de tradução e repetição.

Perguntamos aos alunos pesquisados como eles gostariam que fossem as aulas de inglês, e alguns disseram que gostariam que fossem menos cansativa e deram sugestões, como vimos na análise dos questionários. Em outra questão, perguntamos se eles gostam de fazer os exercícios propostos pela professora, e muitos responderam que não. Percebemos assim, que a abordagem de ensinar das professoras nem sempre está sendo condizente com a abordagem de aprender do aluno, o que muitas vezes dificulta o processo ensino/aprendizagem.

Desse modo, percebemos o quanto é relevante o educador buscar estudos mais aprofundados sobre as abordagens de ensino, os resultados obtidos por cada uma delas, seus pontos positivos e negativos para que possam aproveitar o melhor de cada abordagem, tornando-se assim, educadores mais conscientes do próprio procedimento em sala de aula.

É necessário que o corpo docente de LI reflita sobre sua prática pedagógica do ensino/aprendizagem, para que possam redefinir seu posicionamento perante si mesmo, sua metodologia de trabalho e sua relação com os aprendizes, e assim, obter estímulo à utilização e produção de materiais didáticos inovadores. Segundo Almeida Filho (1999, p. 20)

> A consciência do que **somos** (que abordagens temos) e do que **fazemos** (que competências revelamos em configurações específicas) é um grande e necessário passo no processo de desenvolvimento e mudança que nos colocarmos como desejo mas essa consciência precisa de dois outros ingredientes para a consecução de refinamentos na abordagem. O primeiro é a garantia de uma dinâmica que mescle consciência e ensino continuado que permita vislumbrar aspectos diferenciais concretos no ensino produzido. O segundo é o

> aclopamento de uma dieta de leituras relevantes que desvelem as teorizações em pressupostos, arcabouços e modelos contribuídos pelos autores, teóricos, e pesquisadores lingüistas aplicados.

Sabemos o quanto a LI, assim como outras LEs, são relevantes para vivermos no mundo globalizado de hoje, por isso, é tão importante o bom desempenho profissional dos docentes desta disciplina. O professor deve ter conhecimento de suas crenças, seus mitos e idéias sobre como ensinar e aprender língua inglesa. Esta conscientização possibilitará a esse profissional tornar-se mais crítico na tarefa que desempenha. Temos convicção de que as mudanças não ocorrem de um momento para o outro, é necessário que estes profissionais quebrem as barreiras que possam estar impedindo-os de realizar um bom trabalho na educação.

Queremos ressaltar que nosso objetivo neste ensaio monográfico, não foi criticar ou condenar nenhum professor, e sim trazer uma pequena contribuição através deste trabalho de conscientização, no sentido de harmonizar as duas abordagens (abordagem de aprender X abordagem de ensinar) para que haja probabilidades maiores de sucesso na aprendizagem da LI.

O estudo sobre as questões levantadas neste ensaio monográfico não estão esgotadas. Fica à posteridade a possibilidade de um ensaio monográfico que complemente este estudo e que apresente novas realidades do processo ensino/aprendizagem da língua inglesa e, com isso, contribua para a melhoria da educação pública onde quer que ela aconteça.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos P. de. *Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas*. Campinas, SP: Pontes, 1993.

_____, (Org.) *O Professor de Língua Estrangeira em Formação. Campinas*, SP: Pontes, 1999.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira Almeida. Edição Revista e Corrigida. 86ª ed. Imprensa Bíblica Brasileira. Rio de Janeiro: 1986.

FELIX, Ademilde. *Crenças do Professor Sobre o Melhor Aprender de uma Língua Estrangeira na Escola*, (1998). Tese de Mestrado, UNICAMP. Campinas.

LEFF, Vilson J. *Metodologia do Ensino de Línguas*, in O ensino de Línguas Estrangeiras, editora UFRS, 1988.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. *Oficina de Lingüistica Aplicada*: A Natureza Social e Educacional dos Processos de Ensino/Aprendizagem *de Línguas*, Campinas, SP. 3 ed. Ed. Mercado de Letras, 1996.

NEVES, Maralice de Souza. In PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e (Org.) *Os Mitos de Abordagens Tradicionais ainda Interferem na Prática em Sala de Aula. Ensino de Língua Inglesa*: Reflexões e Experiências. 2 ed. Campinas, SP. Pontes, 1996.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e (Org.) Ensino de Língua Inglesa: Reflexões e Experiências. 2 ed. Campinas, SP. Pontes, 1996.

PCNs - *Parâmetros Curriculares Nacionais*: Língua Estrangeira. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. – Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.

OBRAS CONSULTADAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: *Saberes Necessários à Prática Educativa*. 15 ed. São Paulo: Paz Terra, 1996.

http://www.unicamp.br/IEL/teses>.2002.

http://www.sk.com.br/sk-perg8.html

http://www.sk.com.br/sk-apren.html

LUDKE, M., Marli E.D. A. ANDRÉ. 1986 Pesquisa em educação: *abordagens qualitativas*. São Paulo, EPU.

PILETTI, Claudino. *Filosofia da Educação*, editora Ática, 5 ed. São Paulo, SP, 1994.

SCHÜTZ, Ricardo. *História da Língua Inglesa*. English Made in Brasil http://www.sk.com.br/sk-enhis.html On line.

SOCORRO, Celso Paulo. *Ensino/Aprendizagem da Língua Inglesa: Perspectivas e Realidades*. Ensaio monográfico de Licenciado em Letras – UNEMAT. Pontes e Lacerda, 2002.

TARCETTI, Maria Madalena. *Ensino, Aprendizagem e Crenças: Uma pesquisa sobre Crenças e Concepções de Professores e Alunos sobre Ensinar e Aprender uma Língua Estrangeira*. 2002. Tese Especialização (O Ensino de Língua Inglesa) – Centro Universitário de Varzea Grande. Cuiabá.

ANEXOS

ANEXO I

QUESTIONÁRIO I (professor)
P_2

1- Idade:_____
2- Naturalidade:_____
3- Tempo de residência nesta cidade:_____
4- Graduação:_____ Ano:_____ Local:_____

5- Fez algum curso de especialização? Qual? Onde?

_____
_____

6- Há quanto tempo ensina língua inglesa?

_____

7- Você conhece as principais abordagens que influenciaram o ensino de língua inglesa?

_____

8- Qual dessas abordagens você mais utiliza em sala de aula.
( ) Abordagem da Gramática e da Tradução
( ) Abordagem Direta
( ) Abordagem da Leitura
( ) Abordagem Audio-Lingual
( ) Abordagem Natural
( ) Abordagem Comunicativa

9- Você acha que a abordagem que você utiliza na sala de aula contribui de maneira eficiente para o aprendizado dos seus alunos?
( ) Sim ( )Não

10- Para você, o que contribui mais para o aprendizado de língua inglesa?
( ) Estudar gramática
( ) Falar
( ) Ler
( )Escrever

11- Você acha que os aprendizes de língua inglesa devem falar na língua materna durante as aulas ou se falassem somente na língua-alvo seria melhor?

_____
_____

12- Para aprender a língua inglesa é importante memorizar, repetir e fazer exercícios de tradução?
( ) Sim ( ) Não

13- Você acha que a pronúncia e a entonação são aspectos importantes na aprendizagem da língua inglesa?
( ) Sim ( ) Não

14- Aprender língua inglesa é uma questão de tradução?
( ) Sim ( ) Não

15- Você trabalha com diálogos situacionais (do cotidiano) em sala de aula?
( ) Sim ( ) Não

16- Como você costuma trabalhar com seus alunos em sala de aula?
( ) individualmente ( ) duplas ( ) grupos

17- Você desenvolve trabalhos de leitura em sala de aula?
( ) Sim ( ) Não

18- Você desenvolve suas aulas utilizando as quatro habilidades lingüísticas: ouvir, falar, ler e escrever?
( ) Sim ( ) Não

19- Você acredita que existe uma receita didática para o ensino de língua inglesa?
( ) Sim ( ) Não

20- Comente sobre o seu método de avaliação do processo de aprendizagem dos seus alunos.

_____
_____
_____

21- Você costuma negociar este método de avaliação com seus alunos?
( ) Sim ( ) Não

22- Na sua opinião, qual é o papel que o professor deve desempenhar em sala de aula?

_____
_____
_____

ANEXO II

QUESTIONÁRIO II (aluno)

1- Idade _____

2- Há quanto tempo você estuda inglês?_____

3- O que você mais estuda nas aulas de inglês?

( ) Gramática
( ) Vocabulário
( ) Leitura
( ) Escrita

4- A professora permite que você fale em português durante as aulas de inglês?

( ) Sim ( ) Não

5- A professora de inglês dá muitos exercícios de tradução?

( ) Sim ( ) Não

6- Você gosta de fazer esses exercícios?

( ) Sim ( ) Não

7- A professora de inglês trabalha freqüentemente com exercícios de vocabulários exigindo que a turma pronuncie corretamente?

( ) Sim ( ) Não

8- Vocês fazem diálogos com situações do dia-a-dia nas aulas de inglês?

( ) Sim ( ) Não

9- Como você gosta de fazer os exercícios das aulas de inglês?

( ) individualmente ( ) em dupla ( ) em grupo

10- Vocês fazem leituras nas aulas de inglês?

( ) Sim ( ) Não

11- Vocês fazem exercícios de repetição: ouvir, falar, ler e escrever?

( ) Sim ( ) Não

12- Você gosta de fazer esses exercícios?

( ) Sim ( ) Não

13- Como são as avaliações de língua inglesa?

_____

_____

14- A professora de inglês negocia com os alunos o método de avaliação?

( ) Sim ( ) Não

15- Como você gostaria que fossem as aulas de inglês?

_____

_____